

BRASIL: UM PAIS POR FAZER?

INTRODUÇÃO

Armando Corrêa da Silva *

Quando proponho-me escrever este livro, defronto-me com duas questões: ele é parte de uma obra já iniciada, em 4 volumes, dos quais este é o último;¹ faço parte de uma conjuntura que, ao contrário de um passado não muito distante, desenrola-se diante de mim e da minha consciencia, na velocidade das informações e comunicações diuturnas da televisão, do aparelho de som, do jornal, da revista, dos livros, dos periódicos, numa escala sem precedentes.

Pressinto a totalidade na subtotalidade², apesar de que meu ângulo de observação da mundialização³ torna-me um ator, ao mesmo tempo, privilegiado e impotente. No entanto, dadas as características atuais da divisão técnica, científica, intelectual e social do trabalho, considero-me

* Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹. Os outros volumes são : 1. Cinco Paralelos e um Meridiano. Contribuição ao Discurso Geográfico Teórico; 2. A Metrópole Ampliada e o Bairro Metropolitano. O Caso de São Paulo: o Bairro da Consolação; 3. A Aparência, o Ser e a Forma. Geografia e Método.

². Silva, Armando Corrêa da (1988) O Espaço Fora do Lugar, 2a edição, Ed. Hucitec, São Paulo, pg. 6. "Isto quer dizer que cada geógrafo mantém a tradição da ciência de síntese, mas termina por abordar apenas uma parte do todo. O possível é, então, a construção da subtotalidade."

³. Santos, Milton (1984) A Geografia e a Nova Dimensão do Planeta, Rev. Bras. Technol., Brasília, V. 15 (5).

em igualdade de condições aos outros, com uma diferença de graus, no que diz respeito ao conhecimento do real.

Nessa situação, como apreender a particularidade?⁴

Sobredetermino minhas limitações e afirmo: o Brasil é um país central da periferia.

E uma descrição ou uma explicação?⁵

Para Celso Furtado e Milton Santos o Brasil é "uma economia subdesenvolvida industrializada"⁶, ou "um país subdesenvolvido industrializado"⁷.

Mas, isso é apenas uma constatação, sem poder explicativo, que faz incidir a análise na dicotomia atraso-progresso, correspondendo a uma preocupação crítica-realista

⁴ Lukács, Gyorgy (1969) Prolegómenos a una Estética Marxista (Sobre la Categoría de la Particularidad), Ed. Grijalbo, Barcelona, pg. 127. "os momentos particulares mediadores tem, frequentemente, na natureza como na sociedade, um ser de contornos relativamente firmes, uma figura própria."

⁵. E uma questão a considerar.

⁶ Furtado, Celso (1967) Teoria e Política do Desenvolvimento Económico, Cia. Ed. Nacional, São Paulo, pg. 65. "O esforço para dotar países de baixo nível de renda per capita de um setor industrial com um grau de diversificação similar ao dos países em que a acumulação já realizada (dotação média de capital por pessoa ocupada) é muitas vezes superior, tende a produzir um tipo particular de estrutura, que qualificamos de economia subdesenvolvida industrializada."

⁷ Santos, Milton (1979) "Brasil: País Subdesenvolvido Industrializado" in Espaço e Sociedade, Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, pgs. 106/7. "Na situação atual do Terceiro Mundo, como as condições funcionais constituem, ao mesmo tempo, conexões geográficas, a industrialização nacional é determinada pelo nível de aglomeração polarizadora mais importante de um país, ou seja, o complexo industrial de mais alto nível. Quando esse complexo é capaz de suprir a mesma faixa de produtos industrializados que o mundo desenvolvido, e de oferecer ao país bens de consumo ao mesmo tempo que bens de capital, pode-se dizer que se trata de um país subdesenvolvido industrializado."

que não indica a saída implícita na formulação, e mesmo quando esta existe, defronta-se com a questão liberdade-necessidade. Em outras palavras, a formulação descreve apenas um estado de coisas. Minha colocação do problema é uma proposição que implica na definição de sujeitos individuais e coletivos que não desejam apenas que o país, ou a economia, se tornem "desenvolvidos industrializados". Pois, a realidade mundial nos mostra o que é ser desenvolvido e industrializado. A explicação, então, deve conter um elemento político de afirmação, que passa pela desobjetivação dos sujeitos.⁹

Este é o intuito deste livro, pois seria supérfluo repetir tudo que já se disse.

A Questão da Tropicalidade

Nesse sentido, a questão da tropicalidade surge inevitavelmente como um primeiro grande tema, que tem, desde muito, fixado a ótica geográfica brasileira.

Por que?

Seria uma imposição do meio, ou uma ideologia geográfica?

⁹ Silva, Armando Corrêa da (1988) A Aparência, o Ser e a Forma. Geografia e Método, Xerox, São Paulo, pg. 10. "Na fetichização do mundo presente o ser é o objeto. Já se disse que, mesmo no âmbito do pensamento, é preciso dele expulsar a coisa".

¹⁰ Moraes, Antonio Carlos Robert (1988) Ideologias Geográficas. Espaço, Cultura e Política no Brasil, Ed. Hucitec, São Paulo.

Deixou-se de falar em natureza, substituindo essa palavra, agora tornada incômoda, pelo termo território.

Na verdade, o assunto não chegou, aqui, a ganhar estatuto epistemológico: as formulações são, muitas vezes, estratégicas, porque, no âmbito do capitalismo hiper-tardio¹⁰, a consciência do impasse desemboca na lucidez da loucura que intui, mais do que compreende, a crise da identidade nacional, no processo recente das transformações do país. A contradição é, por isso, intelectualmente assumida como insolúvel, visto que polarizada.

O pensamento colonial, ou pós-colonial, oscila entre a busca de modelos externos (atraentes) e o grotesco autêntico (que se rejeita).

E por isso que a universalidade não é aceita e a particularidade é reduzida à singularidade.

Houve um momento, próximo, que se prolonga no presente, em que a tropicalidade parecia ser um dos traços da particularidade. Essa particularidade privilegia o clima, o solo, a vegetação, a imensidão dos rios, o relevo e seus efeitos naturais como moldadores da psicologia brasileira.

Existiria, assim, uma espécie de alma brasileira. Algo que seria uma amálgama de inúmeras características raciais e psíquicas determinadas principalmente pelo clima.

¹⁰ Chasin, José (1978) "Premissas, Conclusões e Futuras Aproximações" in O Integralismo de Plínio Salgado. Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio. Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., São Paulo.

O resultado seria um modo de vida particular que se estereotipa no carnaval, no futebol, na cachaça, na religião popular, na mulata etc., como definidores de um homem sensual, malandro, sentimental, romântico, indolente, preguiçoso, mas também sofredor, trabalhador, idealista, sonhador, poeta, músico, esperto, de expressão oral fácil e, principalmente, dotado de um poder de adaptação bastante grande.

A cultura e o lugar definiram-no como o gaúcho, o sertanejo, o caipira, o caiçara, o capuava, o jangadeiro, o seringueiro etc.

Num primeiro momento, a industrialização não alterou esse padrão, que tem como herança a escravidão, a servidão e o trabalho livre do passado recente.

Mas, uma consequência até certo ponto não prevista pela inteligência brasileira foi o processo de urbanização rápida que trouxe para as cidades uma síntese de brasilidade que se expressa hoje, de modo complexo, nas metrópoles do sudeste.

O capitalismo selvagem seria a continuação desse padrão, agora ambientado no "caos" urbano?

O fenômeno do desenraizamento regional seria a resposta popular à formação territorial nacional?

E como se, agora, o clima atrapalhasse. O mesmo a dizer do relevo, do solo, da vegetação, dos rios etc.

Ao mesmo tempo que se compõe, com dificuldade, uma realidade social diversa mas isotrópica no território como

um todo, descobre-se uma multiplicidade de climas, de relevos, de vegetações, de cursos d'água. A agressão à natureza, que deu origem ao movimento ecológico, se é parte da aventura colonial e pós-colonial, é acompanhada pelo desenvolvimento técnico e científico que tenta redefinir o sonho tropical.

O corte efetuado, que vivemos no presente, que dá origem à consciência dividida, foi radical, contrapondo o natural e o social.

Não se trata de restabelecer a continuidade, como se nada houvesse ocorrido, pois a conciliação e a cordialidade foram seriamente afetadas. A recuperação da brasilidade passa necessariamente pela retomada da maneira específica de fazer e pensar, embora imersa no processo de modernização que, paradoxalmente, mantém a permanência da modernidade, mas destrói o moderno. No próprio momento em que o cria.

Qual o significado da natureza no Brasil?

Considere-se, por exemplo, o que diz um intelectual italiano Riccardo Campa:

"A natureza, tem uma presença constante na vida dos brasileiros: a natureza, o progresso, a tecnologia ... a modernização ... não estão, como estiveram em toda a história européia ocidental, contrapostas entre si. Você recorda que nós começamos esta conversa dizendo que o liberalismo e a revolução industrial queriam transformar a natureza. A seleção natural da natureza queria dizer que alguns indivíduos, alguns elementos tinham força para aproveitar a natureza, e viver, e subsistir, e outros não. No Brasil, estas idéias, estes conceitos, que fundamentaram a cultura ocidental, com todos os seus dramas, parece que não tem sentido. Aqui, a seleção

natural, no sentido ocidental da palavra, não tem sentido. A natureza e o objeto podem coexistir. Assim, a concepção tradicional do Estado contratualista, do Estado do pacto social, do Estado liberal tradicional, não podem ser uma concepção, um estatuto. Na Inglaterra, a natureza era inimiga do homem. Aqui, não. O homem pode ter a sua libertação, sua liberdade, vivendo na natureza, e vivendo pela primeira vez a tentativa de estabelecer um equilíbrio, uma harmonia entre a artificialidade da industrialização e a natureza, no sentido tradicional. Aqui no Brasil, tradição e industrialização podem se equilibrar."¹¹

No entanto, a análise científica interna informa:

"Um evento climático ocorrido no Brasil durante o verão de 1978/1979 provocou estiagens prolongadas nas regiões sul e nordeste e chuvas fortes de cujo escoamento concentrado resultaram inundações generalizadas no sudeste brasileiro"¹²

Além disso, as TVs mostram, de modo variado, reportagens sobre erosão, desmatamentos, queimadas, secas, inundações, desabamentos de encostas etc., no campo e nas cidades.

Como avaliar a tropicalidade sem recorrer à consideração da diversidade de abordagens, em que o lugar e a cultura desempenham um decisivo papel?

¹¹ Jornal da Tarde (1985) "A Época da Incerteza, Segundo o Filósofo Riccardo Campa" in Contraponto, 13/07/85, São Paulo.

¹² Vicentini, Clovis L. (e) Tarifa, José Roberto (1984) "Aspectos Sinóticos de um Evento Climático Extremo no Brasil de Sudeste: o Caso das Inundações de Fevereiro de 1979" in Anais do 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos, São Paulo.

Há que levar em conta o significado do cosmopolitismo, do universalismo, do internacionalismo e, mais recentemente, da mundialização.¹³

A Extensão Territorial

Outro tema que chamou a atenção dos geógrafos, desde cedo, é o da dimensão espacial. Essa territorialidade tem dois aspectos: o areolar por si e o rumo que tomou a colonização e a pós-colonização, ou seja, o caminho em direção a Oeste, primeiro e, depois, em direção ao Norte, mais recentemente.

A configuração territorial atual não se deu sem conflitos que a História registra. Ela apresenta como características marcantes a densa ocupação do litoral e das margens dos rios, o que leva a considerar que a maior parte da sociedade brasileira vive numa faixa distante do litoral, em torno de 1.000 kms: ao sul, com maior densidade, a nordeste e norte com menor. O oeste vem ganhando importância há poucas décadas. Cabe destacar o caso de São Paulo, com densa urbanização. A Amazônia legal, que abrange Estados e territórios só agora vem sendo objeto de maior ocupação, em função das migrações espontâneas (desde o passado) ou

¹³ Silva, Armando Corrêa da (1987) O Internacionalismo Democrático Metropolitano em Paris (França), Madrid (Espanha), São Paulo (Brasil) e Buenos Aires (Argentina), Xerox, Projeto, São Paulo.

dirigidas (com os projetos agro-pecuários e de mineração). Rondônia apresenta um expressivo crescimento populacional.

Essa configuração territorial apresenta hoje um aspecto que deve ser mencionado: o da cobertura de toda a nação por um avançado sistema de comunicações que tem sua incidência maior nas metrópoles nacionais ou regionais, de onde se irradia por todo o espaço brasileiro.

Para avaliar a extensão territorial é preciso, então, considerar o papel dos transportes e comunicações e das firmas, nacionais e multinacionais, além do papel do Estado, através do planejamento.

A unidade do território, no passado garantida pela força, com o sufocar de importantes iniciativas de emancipação política e social, hoje é resultado da mundialização de nossa economia e cultura, num país em que a memória nacional está mais nos papéis (documentos, livros etc.) do que na consciência da população.

No próprio momento em que a mídia retrata um país isotrópico, acentuam-se as diferenças, agora não mais através das disparidades regionais, mas por meio do lento, mas contínuo, acesso da população à cultura e à cidadania.

Essa brasilidade emergente é contraditória: a liberdade conquistada é fruto em grande parte de manipulação e de séculos de soluções de cima para baixo.

Ela tem relação, atualmente, com o maior conhecimento que o povo brasileiro tem de seu território.

que é hoje percorrido em todas as direções, sem falar das relações do Brasil com o Exterior.

Essa maior presença da população, no campo e na cidade, diminui as distâncias efetivas, conforme as características próprias a cada lugar e os meios disponíveis de transportes e comunicações de que ela se serve.

A extensão territorial foi também considerada, no passado recente, como um traço de nossa particularidade, principalmente quando grande parte do território era desconhecido dos centros de decisão localizados em São Paulo e Rio de Janeiro, e quando as comunicações e os transportes eram bastante difíceis. E, isto, há apenas cerca de 35 anos!

A ideologia do país potência nasceu bastante cedo e continua a efetivar-se na concepção dita "faraônica", quer se trate da Avenida Paulista, em São Paulo, quer se trate de Brasília, quer se trate de outras obras que tentam projetar-se no futuro. A contraposição da universalidade e singularidade (os contrastes) nasce da polarização existente entre o poder das elites e a situação da grande maioria da população, destituída de quase tudo, relativamente.

A imensidão territorial é um desafio ao capital e ao trabalho, num país em que sequer um milímetro de solo é destituído de posse, pública ou privada.

A tropicalidade e a dimensão espacial são aspectos de uma mesma realidade continental: há que dominar as duas, num momento em que a nacionalidade defronta-se com a necessidade do país abrir-se cada vez mais à

internacionalização, que já existe nas metrópoles mais avançadas. Formas novas de democracia, que superem a herança colonial, servil e escravista, apontam para o difícil futuro que deve reconstruir a sociabilidade própria de uma situação em que há que preservar a identidade, na direção da derrubada das fronteiras que separam e dividem a população.

No país por fazer, a população é mais importante que a tropicalidade e a extensão territorial.

A População Dividida

A população brasileira caracteriza-se, no presente, por conseguir combinar a cultura nacional, com as singularidades raciais e étnicas, lidando com a unidade e as diferenças de modo a relacionar o "jeito brasileiro" com uma consciência profissional e moderna que é um modo próprio de expressar-se no processo de transformações do país.

Assim, quer como multidão, público, massa ou classe, estamento, casta tenta estabelecer um elo entre a representação e a participação, através da sociedade civil ou da sociedade política.

Mas, ser população é, em primeiro lugar, ser pessoa. Então, o relacionamento informal contrapõe-se constantemente ao relacionamento formal.

No âmbito da tropicalidade e extensão territorial a população distingue o humano do social e este, do político. Isto representa um grau de consciência elevado que

ultrapassa a manipulação dos agentes ideológicos e os interesses imediatistas do capital e do trabalho.

A democracia brasileira está atingindo níveis próprios que a identidade nacional, regional e local define e redefine nas circunstâncias de um processo contraditório, pleno de indeterminações.

Na sua relação com o Estado e a Empresa ela ultrapassa suas pré-determinações históricas, pressionando constantemente as instituições, seja no local de trabalho, no recurso ao lazer, na exigência de uma ética que, freqüentemente confunde-se com um comportamento moral, que nem sempre é mentalizado com clareza.

Se algum acontecimento a unifica, trata-se de uma reunião de individualidades, mais do que uma forma orgânica de configuração de uma ação solidária.

Por isso, sua presença sincrônica nos eventos do fazer-se como sujeito, encontra-se dividida por inúmeras variáveis.

No passado, a ciência a considerava apenas de um modo naturalista que valorizava a estatura, a cor, a cultura folclórica e certos traços raciais que a diferenciavam.

Hoje, ela se identifica principalmente através da linguagem, como ocorreu nos anos 60.

O Estado Patrimonial

Se, no país por fazer, a população tornou-se mais importante que a tropicalidade e a extensão territorial, ela defronta-se, no entanto com o caráter do Estado brasileiro.

Na formação nacional o modo de produção sempre teve uma especificidade própria, de origem colonial, que marcou profundamente os processos de emancipação, com uma originalidade muito especial, na definição de modos próprios de configuração territorial e mercantil que têm sido confundidos com os modos de produção escravista e feudal.

Como já se disse, a formação social e territorial brasileira sempre foi de essência mercantil, permeada por características diversificadas territoriais.

Não é por acaso que no Brasil tudo gira em torno da produção mercantil, fato que sempre foi bem compreendido pelo colonizador, desde o domínio inglês.

Como produtor, o burguês nativo tem mentalidade escravista e servil; como comerciante, é um aventureiro. O capital financeiro é usurário, mais do que compreendendo o papel do juro na circulação do valor.

A via colonial, quando da radicalidade objetiva e subjetiva das forças políticas e sociais, desemboca sempre na via complementar.

Foi assim que no desespero de 1964 emergiu o Estado totalitário de passado recente, única forma de avançar na tradição latino-americana das últimas décadas.

Qual a herança?

Considere-se o que diz um intelectual espanhol:

"Dito em termos da teoria dos sistemas: cada organização constitui um subsistema (no interior da sociedade global) que recebe seus impulsos (isto é, tanto os recursos quanto as perturbações para o seu funcionamento, provenientes do exterior) de outras organizações, ao mesmo tempo em que seus produtos constituem impulsos para as outras, de modo que a sociedade do nosso tempo se configura como um macro-sistema constituído por sistemas ou subsistemas organizacionais em relações complexas de interdependência, com a consequência de que a estabilidade social global depende da funcionalidade ou disfuncionalidade das interações entre os sistemas organizacionais que o compõem, do acordo entre seus respectivos impulsos ou produtos, e da possibilidade ou impossibilidade que cada um deles tem de neutralizar as perturbações que possam advir-lhe dos outros."¹⁴

Qual a natureza do sub-sistema nacional?

O novo Estado distingue-se do anterior apenas como um subEstado do Bem Estar Social, sustentado pela economicidade técnica, aparentemente neutra de um neo-liberalismo de direita envergonhado.

Do "fugir para a frente" corre-se o risco da perda de identidade, no retrocesso que não se deseja.

Viagem ao Brasil

Dos trabalhadores Marx dizia que não têm pátria.

Sabe-se, também, que o capital (o valor) não possui também território.

Mas, o valor (a riqueza, a mercadoria), criados pelo trabalho e pelo investimento, não se realizam

¹⁴ García-Pelayo, Manuel (1977) Las Transformaciones del Estado Contemporáneo, Alianza Universidad, Madrid.

independentemente do espaço, quer como capital variável ou capital constante.

A forma atual de existência do valor, por sua natureza técnica, é relacional. Isto é, a esfera da circulação (os circuitos) determina, mas sem rumo, vale dizer, de modo indeterminado, e repercute sobre a produção, obrigando-a a modernizar-se, isto é, a adotar modalidades sistêmicas.

O valor, então, não está mais no produto (a não ser como reificação), mas na linguagem que se materializa nos idiomas, resultado do pensar analítico.

Viajar é, então, realizar o valor.

Dai, a internacionalização.

Dai, também, a necessidade de novas formas de democracia (sociabilidade).

Se o Brasil é um país central da periferia, ele tenderá necessariamente a constituir seu próprio subsistema ampliado.

Em qual direção?

Alguma coisa pode ser vislumbrada no cotidiano.

Onde começa o por-se a caminho?

* * *

São Paulo, 18 de fevereiro de 1989

Palavras chave: Brasil, tropicalidade, extensão territorial, população, Estado, valor, política.

Resumo

O autor, em Introdução Temática, de livro em preparo, discute a particularidade brasileira em termos da tropicalidade, extensão territorial, população, e Estado.

Résumé

L'auteur, dans une Introduction Thématique, à propos d'un livre, en train d'élaboration, fait une discussion de la particularité sur l'objet de la tropicalité, l'extension territoriale, population et l'Etat.